



## O DIONÍSIO DE BICICLETA: MITOHERMENÊUTICA DA CELEBRAÇÃO DE JULIEN BERNARD NO TOUR DE FRANCE DE 2024

Resumo - O esporte foi criado como uma celebração. Como natureza de jogo agonístico (*agon*), o esporte dinamiza sua práxis e sentido campo da competição, mesmo sem perder sua ludicidade. Se a lógica da competição esportiva é a conquista do primeiro lugar, a medalha de ouro, o lugar mais alto do pódio, a lógica da celebração esportiva é o destaque da humanidade que advém desta agonística, fundamental para que a competição e a celebração não se desvinculem. Este artigo se propõe a analisar o ocorrido na sétima etapa do Tour de France, 2024, quando o atleta Julien Bernard rompeu o ritual competitivo para celebrar sua passagem pela vila onde vive e foi multado pelos organizadores da prova pela sua atitude. Mais que quebrar um protocolo da competição, Bernard aponta o significado dionisíaco do esporte, cada vez mais invisibilizado pela busca do retorno material proporcionado por um espetáculo que perdeu sua pregnância mítica. A natureza analítica deste estudo persegue a tradição mitohermenêutica dos estudos do imaginário simbólico.

Palavras-chave: esporte; celebração; atletas; mitohermenêutica.

### DIONYSUS RIDES A BIKE: MYTHHERMENEUTICS OF JULIEN BERNARD'S CELEBRATION AT THE 2024 TOUR DE FRANCE

Abstract - Sport was created as a celebration. As the nature of an agonistic game (*agon*), sport drives its praxis and meaning within the field of competition, even without losing its playfulness. If the logic of sports competition is the pursuit of first place, the gold medal, the top of the podium, the logic of sports celebration highlights the humanity that emerges from this agonistic nature, essential to ensure that competition and celebration remain linked. This article aims to analyze the events of the seventh stage of the 2024 Tour de France, when athlete Julien Bernard broke the competitive ritual to celebrate his passage through the village where he lives and was fined by the race organizers for his actions. More than just breaking a competition protocol, Bernard reveals the Dionysian meaning of sport, increasingly obscured by the pursuit of material gain provided by a spectacle that has lost its mythical resonance. The analytical nature of this study follows the mythohermeneutic tradition of symbolic imaginary studies.

Keywords: sport; celebration; athletes; mythohermeneutic.

### CEREMONIA DE APERTURA SANTIAGO 2023: DEL “FIN” AL “PRINCIPIO” DEL MUNDO

Resumen - El deporte fue creado como una celebración. Como naturaleza de juego agónico (*agón*), el deporte dinamiza su praxis y sentido en el campo de la competencia, sin perder su ludicidad. Si la lógica de la competencia deportiva es la conquista del primer lugar, la medalla de oro, el lugar más alto del podio, la lógica de la celebración deportiva destaca la humanidad que surge de esta agonística, fundamental para que la competencia y la celebración no se desvinculen. Este artículo se propone analizar lo ocurrido en la séptima etapa del Tour de France 2024, cuando el atleta Julien Bernard rompió el ritual competitivo para celebrar su paso por la aldea donde vive y fue multado por los organizadores de la carrera por su actitud. Más que romper un protocolo de la competencia, Bernard señala el significado dionisíaco del deporte, cada vez más invisibilizado por la búsqueda del retorno material proporcionado por un espectáculo que ha perdido su pregnancia mítica. La naturaleza analítica de este estudio sigue la tradición mitohermenêutica de los estudios del imaginario simbólico.

Palabras-clave: deporte; celebración; atletas; mitohermenêutica.

Katia Rubio

Faculdade de Educação,  
Universidade de São  
Paulo, Brasil

Rafael Campos Veloso

rafaveloso13@hotmail.com

Faculdade de Educação,  
Universidade de São  
Paulo, Brasil

[http://dx.doi.org/  
10.30937/2526-  
6314.v8.id207](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v8.id207)

Recebido: 30 set 2024

Aceito: 15 out 2024

Publicado: 21 dez 2024



## Introdução

Apenas quem já esteve à beira de uma estrada na França, na Itália ou na Espanha é capaz de entender o que acontece nesses países quando começam as provas de ciclismo que percorrem esses territórios<sup>1,2</sup>.

O Tour de France, conhecido em francês como ‘*Le Tour de France*’ ou simplesmente ‘*Le Tour*’, é a corrida de ciclismo mais prestigiada e famosa do mundo<sup>3</sup>. Criado em 1903 pelo jornal esportivo francês *L’Auto*, o evento foi concebido como uma forma de aumentar as vendas do jornal, mas rapidamente se tornou uma manifestação cultural de grande relevância para a França e para o mundo. Iniciada como uma corrida de seis etapas, cobrindo uma distância total de 2.428 km, e desde então se expandiu em termos de duração, complexidade e popularidade. A competição tradicionalmente ocorre durante três semanas no mês de julho (21 etapas) e envolve um percurso que atravessa diversas regiões da França, incluindo frequentemente passagens pelos Alpes e pelos Pirineus, culminando com a chegada na icônica Champs-Élysées, em Paris.

Nas primeiras edições, a corrida era extremamente desafiadora devido à limitada infraestrutura das estradas e ao uso de bicicletas rudimentares. Contudo, o Tour rapidamente ganhou reputação pela sua dificuldade e pelo prestígio associado à vitória. Em 1919, foi introduzida a camisa amarela (*maillot jaune*), que distingue o líder geral da corrida e se tornou um dos símbolos mais reconhecíveis do ciclismo mundial.

O Tour de France transcende o esporte, sendo um evento de grande importância cultural na França<sup>4,5</sup>. Ele celebra a diversidade geográfica e cultural do país, promovendo um sentido de identidade nacional. Durante o Tour, pequenas cidades e vilarejos por onde a corrida passa são transformados em pontos de celebração, o que fortalece o turismo local e a economia regional.

A competição também teve um impacto significativo na identidade nacional francesa, especialmente durante os períodos de instabilidade política e econômica. Durante as duas guerras mundiais, o Tour foi interrompido, mas seu retorno sempre foi visto como um símbolo de resiliência e renovação. Além disso, o Tour de France ajudou a popularizar o ciclismo como esporte e a fortalecer a imagem da França como uma nação associada à tradição e à excelência esportiva.

No cenário mundial, o Tour de France se destaca como um dos eventos esportivos mais assistidos e acompanhados, atraindo a atenção de milhões de espectadores ao redor

do globo. A globalização da corrida, com a participação de atletas de diversas nacionalidades e a transmissão televisiva internacional, consolidou o Tour como um fenômeno global, representando os valores de competição, resistência e camaradagem.

Comparar o ciclismo em países como a França com práticas esportivas consideradas de caráter nacional como o beisebol em Cuba, o basquete nos EUA, o futebol no Brasil e outros países mundo afora, seria desnecessário. Isso porque essas provas de estrada acontecem em ambientes públicos e a mobilização social em torno do evento envolve pessoas que se sentam, dormem ou acampam na beira do caminho em busca do congelamento do momento mágico da passagem de um ciclista ou dos diversos pelotões que formam a prova<sup>6</sup>. E aí está o primeiro ponto dessas celebrações que são mais do que competições: o esporte é um fenômeno social que depende da interação entre atleta e público espectador.

A popularidade do ciclismo de estrada na Europa, especialmente nas grandes voltas como o Tour de France, ilustra uma singular relação entre público e competidores, caracterizada pela proximidade física e emocional ao longo das etapas. Um aspecto marcante desse fenômeno é a maneira como os espectadores se posicionam à beira da estrada, muitas vezes em contato direto com os ciclistas. Essa prática se intensifica durante as etapas de montanha, onde a velocidade reduzida dos atletas permite uma maior interação. Nas inclinações íngremes, os competidores se movem mais lentamente, o que favorece a formação de grandes aglomerações e a aproximação do público, levando a situações em que os espectadores não apenas encorajam verbalmente, mas também tocam os ciclistas.

Esse comportamento do público cria uma atmosfera única, de grande envolvimento emocional e de celebração, onde o público grita, aplaude, se apresenta com fantasias temáticas, corre ao lado dos competidores e, por vezes, até empurram seus atletas favoritos, especialmente nas seções mais desafiadoras das montanhas. Tal fenômeno demonstra a construção de um imaginário coletivo em torno da resistência física e mental dos ciclistas, tornando-os figuras heroicas aos olhos do público.

Tal condição se mostra possibilidade singular de celebração. O ambiente criado nessas etapas não é apenas competitivo, mas também festivo, envolvendo rituais de torcida que elevam o esporte a um espetáculo popular de grande engajamento coletivo. A presença massiva de espectadores nas montanhas, onde se agrupam em margens estreitas

da estrada, permite que o ciclismo transcenda seu caráter puramente atlético, assumindo uma dimensão simbólica de celebração da resistência, da superação e do esforço humano.

Acompanhando os estudos de Rubio<sup>7</sup> e Veloso<sup>8</sup> acerca da relação entre o atleta e o mito da jornada do herói, podemos inferir que para os torcedores, estar presente nesses locais é mais do que assistir a uma corrida; mas participar de um ritual que ecoa narrativas míticas, onde o ciclista expressa a imagem arquetípica do herói em uma jornada de sacrifício e vitória. Por outro lado, os atletas, imersos em uma competição extenuante, podem perceber essa interação como um desafio à sua concentração, mas também como um reconhecimento de seu esforço.

O esporte nasceu para ser espetacular. Muito antes de haver meios de comunicação o esporte era uma prática que colocava pessoas fisicamente habilidosas em exibição diante de outras pessoas que apreciavam essas habilidades nem sempre comuns a todos os humanos. E os espetáculos aglomeram, tendem a provocar emoções porque atuam sobre os elementais do imaginário, seja na potência da glória ou no desespero da derrota. Daí, o caráter da celebração. Por isso o esporte nasceu para ser dionisíaco<sup>9</sup>.

O esporte, como fenômeno sociocultural, transcende sua função de atividade física ou competição e assume um papel central na formação e expressão de identidades culturais, políticas e sociais. A condição de celebração do esporte emerge justamente dessa complexidade, onde ele se torna um palco para a manifestação de valores, narrativas e símbolos que ressoam em diversas esferas da vida social.

O esporte serve como um veículo para a construção e afirmação de identidades coletivas. Isso é evidente em grandes eventos esportivos, como as Olimpíadas, a Copa do Mundo de Futebol, ou o Tour de France, onde nações, cidades e comunidades se unem em torno de suas equipes e atletas, criando um sentimento de pertencimento e orgulho. Nesses momentos, o esporte se transforma em uma celebração da identidade coletiva, onde vitórias e derrotas são vivenciadas de forma compartilhada, reforçando laços sociais.

Nesse sentido, a celebração do esporte também se manifesta na forma de rituais e espetáculos. Grandes eventos esportivos são marcados por cerimônias de abertura e encerramento que muitas vezes incorporam elementos simbólicos e culturais, reforçando a ideia do esporte como uma celebração ritualística. Essas cerimônias são momentos de grande simbolismo, onde mitos, histórias e tradições são invocados para contextualizar e dar significado às competições.

A celebração do esporte muitas vezes se associa à ideia de transcendência e heroísmo. Atletas são vistos como heróis modernos, cujas façanhas inspiram e mobilizam as massas. Essa celebração do herói esportivo conecta o esporte à mitologia, onde o atleta, através de seu esforço e dedicação, transcende os limites humanos, criando uma narrativa que é celebrada e reverenciada pelo público<sup>7,8</sup>.

A metanarrativa lúdica do esporte, ao substantificar a dimensão do imaginário coletivo, se mostra plataforma poderosa para a disseminação de mensagens e valores globais. Movimentos sociais e políticos têm usado o esporte como meio de protesto e conscientização, transformando eventos esportivos em celebrações de causas como a igualdade racial, direitos humanos, e a paz. Essa capacidade do esporte de unir as pessoas em torno de causas globais reforça sua condição de celebração, não apenas do próprio esporte, mas também dos ideais que ele pode representar.

Em resumo, a dimensão do imaginário simbólico da celebração do esporte é um fenômeno multifacetado que vai além do simples ato de competir. Envolve campos como a construção de identidades, a criação de rituais, a veneração de heróis e a promoção de valores universais, tornando o esporte uma das mais poderosas expressões culturais de nosso tempo.

Este artigo busca explorar, sob uma perspectiva mitohermenêutica, o ato do ciclista Julien Bernard na sétima etapa do Tour de France 2024, quando rompeu com o protocolo competitivo para celebrar sua passagem pela vila onde vive. A punição imposta pelos organizadores revela não apenas a rigidez das normas contemporâneas do esporte, mas também a supressão de elementos celebratórios e humanos que fazem parte de sua essência original. Essa análise visa evidenciar como o gesto de Bernard resgata uma dimensão mais profunda do esporte, que transcende a competição e reconecta com um *ethos* de celebração que remonta às tradições dionisíacas, onde o jogo e a festa se mostram inseparáveis da prática esportiva.

Ao relacionar o ato de Bernard ao imaginário de Dionísio, este estudo pretende revelar as camadas simbólicas que permeiam a relação entre celebração e competição no esporte moderno. Dionísio, como figura mitológica da festa, do excesso e da subversão das normas, simboliza uma força vital que desafia a racionalidade e a estrutura rígida da competição esportiva. Através dessa análise, argumenta-se que o esporte, ao resgatar elementos dionisíacos, poderia reequilibrar sua função social e cultural, resgatando sua

pregnância mítica e restaurando um sentido de comunidade e celebração no esporte. Assim, o gesto de Julien Bernard torna-se não apenas uma quebra de protocolo, mas um convite a repensar o significado do esporte na sociedade contemporânea.

### **O Dionísio de bicicleta**

Dionísio é um deus que nasceu duas vezes – prematuramente do ventre da humana Sêmele para depois de ser esfaqueado, e comido pelos Titãs, e nascer novamente da coxa de Zeus. Sua potência é superlativa e desmedida e onde há envolvimento com sua celebração abundam a alegria, a embriaguez e a sabedoria.

Julien Bernard é um ciclista gregário. Um *'sacrificial worker'* como comenta Veloso<sup>8</sup>. O autor esclarece que a função dos ciclistas gregários é de sacrificar suas chances de vitória para apoiar e favorecer as condições de sucesso e chances de vitória do líder (capitão) de sua equipe. Os gregários atuam para garantir o êxito do estratagema ideal do capitão contra os adversários, atuando sobre as especificidades de cada percurso, fornecendo vácuo aerodinâmico e até mesmo transportando o alimento necessário para o corpo inclinado à vitória. Assim, esses *'trabalhadores'* garantem o êxito de estratégias que se destacam por atitudes de abnegação e entrega incomuns no plano formal do jogo esportivizado, que valoriza a competição e a busca da excelência capazes de apontar o vitorioso.

Ainda, segundo Veloso<sup>8</sup> o papel desse atleta sacrificial, quando analisado sob a perspectiva da cultura de movimento presente na dimensão do esporte contemporâneo, assim como nas especificidades da modalidade e nas relações simbólicas associadas ao ato de autos sacrifício, revela a formação de um regime imagético que transcende a polarização de sentido apolíneo, abrindo espaço para núcleos de sentido noturno; dionisíaco. Esse regime impõe uma maior complexidade à relação entre o atleta e o mito do herói (diurno, apolíneo), destacando as valências simbólicas que permeiam o imaginário esportivo e a construção mítica da figura heroica no contexto atual.

Julien Bernard, disputava a etapa de contrarrelógio individual quando desacelerou sua bicicleta para juntar-se à celebração de seus conterrâneos que lotavam ambas as margens de uma estrada vicinal – pessoas e estradas familiares para o atleta. No contrarrelógio individual os atletas largam individualmente e é a única etapa onde não há a possibilidade de dinâmica por equipe e, portanto, auxílio dos ciclistas gregários. Ao

cumprir sua função sacrificial nas demais etapas J. Bernard chegou à etapa de contrarrelógio sem chances de alcançar as primeiras colocações na classificação geral do Tour France, podendo desfrutar dionisiacamente da festa tramada por sua família, amigos, habitantes de sua região natal, transformando a derrota formal em celebração ritual.

Em análise mitohermenêutica poderíamos considerar que nesta celebração, onde J. Bernard é protagonista e celebrado, ecoa o canto do mitema subjacente ao mito do sacrifício de Ifigênia, ou, mais uma expressão de atitudes substantificadas por aquilo que Veloso<sup>(8)</sup> delimitou como complexo de Ifigênia, ou “complexo de imagens de Ifigênia (p. 241)”.

Impossível não associar o esporte a toda essa força dionisiaca, seja pela potência da celebração competitiva, seja pela voluptuosidade da torcida em êxtase, seja pelo desprezo cruel aos perdedores. Se nos atermos ao tópico da potência da celebração competitiva entendemos o que acontece nesses dias de *Tour* pelas entranhas de uma França que é sede dos Jogos Olímpicos de 2024. Invasas por pessoas que carregam na história pessoal e da comunidade em que vivem as glórias de ciclistas do passado, as estradas francesas são o cenário perfeito da humanização do atleta. O que ocorreu na 7ª etapa, no dia 05 de junho de 2024, sintetiza o drama vivido pelo esporte competitivo contemporâneo que se distancia a passos largos da celebração como foi concebido.

Julien Bernard, um ciclista de trinta e dois anos da equipe Lidl Trek Racing, filho do ciclista profissional Jean-François Bernard, fazia a etapa de contrarrelógio do Tour de France - 2024, que se desenrolava pelas estradas que cruzavam seu território natal. Ali estava um ilustre filho da comunidade carregando sobre duas rodas não apenas a sua história, como também a de seus ancestrais e de todos aqueles que de modo direto ou indireto contribuíam para um momento sagrado: a evidência da agonística, tão própria desse esporte.

Enquanto Julien se aproximava de seu território, maior era a aglomeração dionisiaca nas margens da estrada. A celebração fora detalhadamente organizada pela esposa, companheira de vida, que sabia como ninguém o que aquele momento poderia significar para o marido/atleta cuja determinação é viver para treinar, treinar para competir, sem que o prazer dessa tarefa seja perdido.

Ao se aproximar dos limites de sua terra natal a competição já não é mais uma relação apenas contra o relógio que determina seu lugar no pódio ou a cor da camiseta

que usará na próxima etapa. O coração que pulsa dentro de um corpo cultivado para chegar aos limites da fisiologia humana é também tomado pela emoção que escapa do registro de equipamentos calibrados para alcançar as mínimas divisões matemáticas de uma célula. O cordis daquele ciclista do interior francês que ainda vive próximo de tradições que produzem queijos, vinhos e fiambres como faziam os antepassados vibrava na mesma frequência dos torcedores das margens da estrada. Sobre aquela bicicleta estavam outras centenas de corações que pulsavam em um só Julien Bernard. A apoteose desse encontro se deu quando Bernard avistou sua esposa com o filho bebê no colo, vestindo uma réplica de sua malha, cercada de outros familiares. Momento de síntese de muitos afetos, e de natural desejo de retribuição, Julien parou para beijar a esposa desprezando a premência do cronômetro que se negava a acompanhar o ritmo de toda aquela celebração para o usufruto de momento tão precioso. Instante que se transformou em eternidade, não pela captura da imagem, mas pela intensidade de todo o ocorrido, clamava pela continuidade da saga ciclística.

Se todo o fato ocorrido na região de Borgonha – por onde passava a caravana do Tour - pode ser interpretado como uma festa à luz de um esporte que nasceu para celebrar, participar, mais do que competir, ele também pode ser entendido à luz de uma burocracia ranzinza e produtivista pautada na busca da vitória como o desrespeito à regra conforme a UCI (União Internacional de Ciclismo) entendeu, classificando aquela atitude como um ‘comportamento impróprio’ que podia causar danos ‘à imagem do esporte’.

Não é de se estranhar a pasteurização vivida pelo esporte desde o avanço do processo de profissionalização<sup>7,10,11</sup>. Atletas desumanizados tornaram-se rótulos de produtos, commodities, em um mundo globalizado, negociados como produtos humanos onde são comprados e vendidos nos mercados dominados por empresas sem rostos. Daí, a determinação do cumprimento das regras, dos protocolos, das determinações que pouco a pouco apagam o direito do sentir, de fruir do momento raro do ser atleta que é o prazer de viver a brevidade de um momento de glória, que não necessariamente está vinculado à vitória.

## A celebração esportiva e o campo do imaginário

No universo do esporte, a dimensão da celebração se entrelaça intrinsecamente com a dimensão lúdica, oferecendo um campo fértil para a análise dos significados e experiências construídas coletivamente. A celebração no esporte vai além da mera vitória ou conquista; ela representa a exaltação de valores fundamentais como o esforço, a superação e a comunidade. Retirar o esporte da condição exclusiva de competição e realocá-lo nas proximidades da celebração exige um exercício compreensivo no campo do imaginário.

Durand<sup>12</sup> considera que todo pensamento humano é representação, isto é, passa pelas articulações simbólicas, indicando uma continuidade no homem entre o ‘imaginário’ e o ‘simbólico’. O imaginário é assim esse conector necessário pelo qual se constitui toda representação humana. Nesse sentido o imaginário não se destaca das realizações humanas, sejam elas materiais ou psíquicas, favorecendo assim a construção de um sentido para as ações e pensamentos<sup>13</sup>. Existência e imaginário apresentam-se enquanto forças organizativas contraditórias, porém complementares e simultaneamente concorrentes, cabendo ainda ao imaginário a função básica de garantir uma equilíbrio antropológico.

O uso campo do imaginário permite um entendimento de práticas narrativas para além do significado da linguagem (o que se diz) para o campo do sentido (o que se pretende dizer). Conforme Ortiz-Osés<sup>14</sup> o sentido visto pela hermenêutica simbólica “[...] é aquilo que algo nos quer dizer humanamente, pelo que se preconiza um Humanismo pósmoderno ou descentrado, no qual o homem se apresenta transversalmente enquanto implicado e implicador ao mesmo tempo (anarco-humanismo) (p. 138)”.

Daí, a possibilidade de uma hermenêutica mítica sobre a celebração esportiva.

O mito conta uma história sagrada, um acontecimento primordial que teve lugar no começo dos tempos. Uma vez revelado, o mito torna-se verdade, proclamando a aparição de um acontecimento primordial ou de uma situação cósmica. Por isso “o mito é próximo da ontologia ao falar apenas das realidades que efetivamente se manifestaram. O mito descreve as dramáticas irrupções do sagrado no mundo (p. 109)”<sup>15</sup>.

A experiência vivida pelo atleta assemelha-se a um momento definido por Otto<sup>16</sup> como numinoso, ou seja, uma categoria de interpretação e de avaliação própria de quem vive uma experiência estética, reconhecida não como um objeto de definição, mas

somente de exame. Isso porque diferentemente de outras inúmeras competições criadas e desenvolvidas ao longo do último século, principalmente depois da ascensão do profissionalismo quando os resultados passaram a ser premiados com vultuosos valores financeiros, o esporte ocupa o lugar central na vida de um atleta visto ser sua profissão, profissão essa com cuja duração é determinada pelos limites do corpo<sup>17</sup>.

Consideramos que as narrativas míticas são edificações da dimensão lúdica de caráter ontológico, que formam e informam a existência humana por essa expressão metanarrativa<sup>8</sup>. A dimensão lúdica, central para a experiência esportiva, resgata o caráter essencialmente humano do jogo<sup>18</sup>, no qual a participação no esporte é movida pelo prazer e pelo envolvimento emocional, mesmo em contextos de alta performance. O lúdico não se limita ao ato de brincar ou divertir-se, mas também inclui uma produção simbólica que reflete narrativas amplamente compartilhadas, funcionando como uma metanarrativa. Essa produção lúdica, expressa através de rituais, símbolos e performances, transcende a realidade imediata da competição (ordinária), projetando-se em uma esfera metanarrativa que articulam mitemas onde o esporte se torna o palco para a trama da vida, da luta e da existência humana.

A metanarrativa no esporte surge como um arcabouço interpretativo que engloba a totalidade das experiências lúdicas, conectando as práticas e performances individuais a narrativas maiores e arquetípicas. Através da competição e da celebração, o esporte articula histórias que ressoam com mitos antigos de heroísmo, sacrifício e glória. Esses elementos são elevados e reproduzidos em cada competição, criando uma narrativa que não se limita ao evento em si, mas que reforça significados e valores sociais mais amplos. O esporte não é apenas uma atividade física ou competitiva, mas também uma plataforma para a construção de sentidos que transcendem o campo de jogo. A celebração esportiva encapsula essa produção simbólica, transformando a competição em uma arena de expressão cultural onde a narrativa do esforço, da vitória e da celebração se interconectam, reforçando a dimensão lúdica como uma poderosa forma de metanarrativa coletiva.

Protagonista do espetáculo esportivo, o atleta passou a ter a sua imagem utilizada de forma institucional como o porta-voz de um estilo de vida e de um devir profissional, determinados pelas imposições contratuais das marcas patrocinadoras. Visto como um ser diferenciado da mídia, capaz de realizar feitos espetaculares que envolvem habilidade,

força, velocidade, capacidade de concentração e disposição para superar os obstáculos que o separam de sua meta, a figura espetacular do atleta profissional está associada à produção, muito mais do que ao prazer de uma prática hedonista, como foi no princípio do século passado. O caráter agonístico presente nas realizações esportivas imprime ainda maior dramaticidade e plasticidade às competições.

No caso do esporte, a exploração do imaginário olímpico tem a força dos imortais da terceira geração de deuses liderados por Zeus, filho de Cronos, o senhor do tempo, a quem Zeus destronou após vencê-lo em batalha, bem como a seus tios Titãs. Senhor do Olimpo, contou com a ajuda dos irmãos divinos, engolidos pelo pai assim que eram dados à luz pela mãe Réia por temer a profecia de que seria destronado por um filho<sup>19</sup>.

E é da relação de Zeus com a mortal Sêmele que nascerá Dionísio, uma entidade relacionada com nascimento, morte e renascimento, representando a natureza cíclica da vida e da fertilidade. Deus que nasceu duas vezes simboliza a renovação e a transformação.

### **A necessária presença de Dionísio no esporte**

O esporte, em todas as suas manifestações de prática, possui algo da dimensão dionisíaca, relacionada ao prazer, à celebração e ao êxtase coletivo.

Conforme Almeida<sup>9</sup> a origem etimológica da palavra *esporte* está relacionada à recreação, ao prazer. O termo desporto utilizado em língua portuguesa, vem do francês *desporter*, divertir-se, distrair-se, jogar. “Em certo sentido, pode ser compreendido como o que ‘retira’, o que tira do lugar, o que sai do "porto" (*des-porto*), portanto, o que está fora do centro, da esfera mercadológica ou da seriedade da vida (p.40)”.

É a partir desse referencial que se poderia considerar o esporte, na sua base dionisíaca. Mesmo profissionalizado, o esporte tem sua imagem associado ao prazer de estar junto, do hedonismo, do êxtase coletivo.

Dioniso é o deus do vinho e da feminilidade, da embriaguez e da mania, deus despedaçado, devorado, deus que reina entre as mulheres, expressão máxima do mistério do mundo. Único deus nascido de uma mortal, Sêmele, sua participação se dá à margem do Olimpo, próximo aos homens e de forma contestatória, anárquica, desagregadora.

No mito, Dionísio personifica a quebra das fronteiras rígidas da racionalidade e da ordem social, instaurando o caos fecundo que permite a reconexão com as emoções

mais profundas e com as forças naturais. Da mesma forma, o esporte, em muitos de seus aspectos, atua como um espaço liminar onde as tensões da vida cotidiana são suspensas e substituídas por uma lógica própria, marcada pela entrega ao jogo e pela possibilidade de transcendência.

A festa dionisíaca representa um estado de comunhão, onde os participantes se conectam profundamente com suas emoções e com a natureza. O culto a Dionísio promovia a dissolução das barreiras individuais, permitindo uma união profunda entre os participantes, o esporte proporciona momentos em que a comunidade - seja ela composta por atletas ou espectadores - entra em um estado de êxtase compartilhado. Ora, não foi exatamente isso que o gregário Julien Bernard, familiares e conterrâneos protagonizaram naquele contrarrelógio da sétima etapa que passava pela sua região natal, a Borgonha?

J. Bernard foi multado em 200 francos suíços pela União Ciclística Internacional (UCI) sob o argumento de que o ciclista teria prejudicado a imagem do esporte. O ciclista lidou com a situação da punição forma bem-humorada postando a seguinte mensagem em sua conta na plataforma 'X': "E desculpe, @UCI\_cycling, por ter prejudicado a imagem do esporte. Mas estou disposto a pagar 200 francos suíços todos os dias para reviver esse momento".\*

A celebração no esporte, tal como na festa dionisíaca, torna-se um espaço de liberação das tensões sociais, emocionais e físicas. Ao romper com a rotina da vida cotidiana, o esporte proporciona um momento de festa, no qual a seriedade da vida é temporariamente abandonada, e os participantes se envolvem em um rito de comunhão com o jogo e com os outros. Esse estado de êxtase e de celebração reflete a dimensão dionisíaca do esporte, onde o 'desporto' se afasta do porto seguro das normas sociais e mergulha em uma dimensão mais profunda de prazer, liberdade e caos controlado.

### **Considerações finais**

A análise mitohermenêutica do ato de Julien Bernard no Tour de France 2024 revela uma aproximação profunda com o imaginário do mito de Dionísio, onde o ciclista encarna não apenas o papel de atleta, mas também a figura dionisíaca que desafia as normas estabelecidas. A luta dionisíaca pela manutenção do caráter de celebração no

---

\*Mensagem publicada por Julien Bernard na plataforma 'X' no dia 05 de julho de 2024 [acessado em 30 ago 2024]. Disponível em <https://x.com/JulienBernard17/status/1809286700016849138>

esporte é uma tentativa de resgatar a dimensão humana e festiva do esporte, que muitas vezes é suprimida pela profissionalização e pela rigidez das regras. O caso de Julien Bernard exemplifica essa luta, mostrando que uma das principais valências do esporte reside na sua capacidade de celebrar a vida e a humanidade dos atletas, algo que Dionísio simboliza perfeitamente.

Ao interromper o contrarrelógio para celebrar com sua comunidade, Bernard rompeu com o protocolo rígido da competição e expressou a personificação de Dionísio, um deus que celebra a vida, o excesso e a subversão das regras. Esse gesto se insere em um contexto esportivo que cada vez mais privilegia o desempenho técnico e o retorno material, evidenciando a necessidade de ressaltar elementos que potencialmente enfatizam a celebração, a conexão humana e a experiência coletiva.

Além disso, o estudo destaca a potência do esporte como um produtor de metanarrativas e significados no imaginário social. O esporte transcende ao criar narrativas que ressoam com valores profundos de celebração, superação e comunhão, funcionando como uma arena onde se expressam núcleos semânticos de imaginários. Nesse sentido, esta análise evidenciou a expressão de imaginários de regime noturno, associados à dimensão dionisíaca, em contraposição ao regime diurno que costuma dominar o esporte, expressado pela figura do guerreiro em armas, pela ordem, racionalidade e busca incessante por resultados. O ato de Bernard simboliza uma ruptura com essa predominância diurna e convida a uma revalorização das experiências noturnas, onde o esporte pode, potencialmente, fruir como espaço de celebração e reintegração de valores humanos.

## Referências

- 1 Mignot JF. The history of professional road cycling and its current organizational structure. In: *The economics of professional road cycling*. Cham: Springer International Publishing; 2022. P. 11–34.
- 2 Vegara-Ferri JM, López-Gullón JM, Díaz-Suárez A, Angosto S. La vuelta: impact on local communities. In: *Sport in the Iberian Peninsula: management, economics and policy*. New York, NY: Routledge; 2023. p. 188–98.
- 3 Miller D. *The official history of the Tour de France*. London: Orion Publishing Group; 2018.
- 4 Dauncey H, Hare G. The Tour de France: a pre-modern contest in a post-modern context. *Int J Hist Sport*. 2003;20(2):1–29.
- 5 Finch P. *Tour de France: the history, the legend, the riders*. London: Carlton Books; 2017.

- 6 Thompson CS. *The Tour de France. A cultural history*. Berkeley, CA: University California Press; 2008.
- 7 Rubio K. *O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo*. São Paulo: Laços; 2021.
- 8 Veloso RC. *Trajetos entre alboradas e crepúsculos: o atleta e as muitas faces do mito do herói*. São Paulo: Laços Editora; 2021.
- 9 Almeida R de. Alegria dionisíaca e celebração esportiva. In: Rubio K (ed.) *Esporte e mito*. São Paulo: Laços; 2017.
- 10 Boykoff J. *What are the Olympics for?* Bristol: Policy Press; 2024.
- 11 Rubio K. Trânsito entre carreiras: a necessidade de novas identidades. *Olimp – J Olympic Stud*. 2021;5:152–66.
- 12 Durand G. Sobre a exploração do imaginário, seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. *Rev da Fac Educ*. 1985;(11):243–73.
- 13 Durand G. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2012.
- 14 Ortiz-Osés A. Hermenêutica, sentido e simbolismo. In: Araújo AF, Baptista FP, editors. *Variações sobre o imaginário: domínios, teorizações, práticas hermenêuticas*. Lisboa: Instituto Piaget; 2003. P. 93–138.
- 15 Eliade M. *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil; 1999.
- 16 Otto R. *O sagrado*. Petrópolis: Vozes; 2000.
- 17 Ferreira Junior N de S, Rubio K. Para onde vai o esporte de alto rendimento sob a razão neoliberal? Urgências e perspectivas. In: Camilo J, Rubio K (ed). *Trabalho e esporte: precariedade, invisibilidade e desafios*. São Paulo: Képos; 2020.
- 18 Huizinga J. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva; 2014.
- 19 Brandão JS. *Mitologia grega Vol. I*. Petrópolis: Editora Vozes; 2011.